

Domingo, 8 de agosto de 1999

O GLOBO

A NOVA SOCIEDADE, SEGUNDO FH • Continuação da página 3

Nova classe média corre para

Presidente analisa explosão de matrículas no ensino superior e perda de im



ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

- Em 98, havia 2,125 milhões de universitários, 180 mil a mais do que em 97. Nos últimos quatro anos, o crescimento das matrículas foi de 28%, superior a 90-94 (20%).
- Desde 94, o número de matriculados cresceu 36% em faculdades particulares, 12,4% nas federais, 18,5% nas estaduais e 27,6% nas municipais.

MOBILIDADE SOCIAL

- Pesquisa do sociólogo José Pastore, baseada em dados do IBGE, mostra que, entre 73 e 96, 63% dos brasileiros mudaram de classe social. Mas as desigualdades sócio-econômicas ainda impedem que os mais pobres alcancem o topo da pirâmide. Em cada 10 brasileiros, 7 conseguem se mover apenas entre as camadas muito pobre, pobre e classe média baixa.

UNIVERSIDADES

“Houve uma explosão de matrículas, mas nas universidades privadas. Houve uma expansão da matrícula sem precedentes na nossa História. Isso é uma nova classe média que está se formando, que está passando pelo crivo das universidades. No começo muitas delas são de discutível capacidade para formação profissional, mas pouco a pouco vão se aprimorando. E hoje a rede de centros de pesquisas e de centros de produção cultural é imensa.”

OAB E ABI

“Peguem uma profissão: advocacia. Houve um renascimento da advocacia ligada com os negócios, ligada com a economia global, ligada às finanças. Tudo isso são setores novos que vão aparecendo. Dificilmente esses setores gravitam em torno, por exemplo, da OAB. Da mesma maneira que todos os produtores culturais. São enormes quantidades, de todo tipo de produção intelectual. Muitos deles, grosso modo, são o que se chamaria de jornalismo, mas não gravitam mais em torno da ABI, que, não obstante, pela sua inserção tradicional na estrutura de poder do Brasil, ainda tem muito eco, mas talvez não tenha a mesma capacidade abrangente que teve no passado, de representar o conjunto dos segmentos da classe média. Hoje há novas formações de classe média. E acredito que uma boa parte desses segmentos novos não têm conexão direta com o sistema de representação classista. Nem com o sistema político-partidário — o Congresso, por exemplo — embora votem, naturalmente. Mas não têm as conexões para se fazerem presentes nas decisões do Congresso e nem mesmo têm a organização sindical ou organização profissional que expresse o seu sentimento, o seu querer.”

EMPRESARIADO

“Hoje, claramente, existe o empresariado formado por pessoas cujos nomes não são

conhecidos, ao lado daqueles de nome mais tradicional, que são aqueles que repercutem sempre. Quando digo tradicionais, não estou qualificando como se eles não fossem representativos do conjunto dos segmentos. E esses novos segmentos, muitas vezes, não têm ainda vozes correspondentes às suas práticas, aos seus desejos, aos seus interesses. Isso é normal numa sociedade.

REFORMAS

“E como é uma sociedade que está passando por uma fase de dinamismo grande na sua reestruturação e de reformas no plano político, no plano das instituições, no plano do Estado, é claro que é uma sociedade também cujos pontos de apoio são instáveis. Porque os setores tradicionais não querem saber de reformas e aqueles que poderiam apoiar as reformas ou que são beneficiários delas não têm os canais de expressão, no plano político, para dar sustentação àquilo que podem ser medidas em seu benefício e do seu interesse.”

RENDA

“A última pesquisa feita a respeito de mobilidade social mostra que no Brasil ela continua muito forte. Uma das mais fortes. O professor José Pastore fez uma pesquisa grande sobre isso, usando alguns dados do IBGE. Comparando-se com outros momentos da História do Brasil, vê-se que a mobilidade social ascendente continua forte. E existe também uma mobilidade descendente, daqueles que perdem prestígio. Mas quando se verifica aqueles que são beneficiados por este novo dinamismo, vê-se que são muito numerosos. Isto não quer dizer necessariamente que, do ponto de vista da renda ou da posição na escala da sociedade, os novos segmentos estejam necessariamente contentes. Podem não estar. Depende de conjuntura, depende de existir recessão ou não, de haver uma perspectiva de maior progresso ou não. São fatores de outra natureza que os levam a uma percepção de estar de bem ou de mal com a vida,

com
mília
class
uma
segr
um
Algu
aqui
das
class
mud
do in
nove
nhar
Tam
méd
tarar
vime
pode

INTE

“T
Por
soci
há d
gos
educ
dern
puta
Que
limit
abs
que
será
ça. N
prod
que
vo si
isso
pode
trário
estar
crian
de co
nova
aves

• Ma
em u

Corre para a universidade

ino superior e perda de importância de entidades como OAB e ABI

idos, ao lado daqueles de nome mais onal, que são aqueles que repercutem e. Quando digo tradicionais, não es- alificando como se eles não fossem entativos do conjunto dos segmen- esses novos segmentos, muitas vezes, m ainda vozes correspondentes às ráticas, aos seus desejos, aos seus in- s. Isso é normal numa sociedade.

MAS

omo é uma sociedade que está pas- por uma fase de dinamismo grande reestruturação e de reformas no pla- tico, no plano das instituições, no do Estado, é claro que é uma socie- também cujos pontos de apoio são eis. Porque os setores tradicionais uerem saber de reformas e aqueles oderiam apoiar as reformas ou que eneficiários delas não têm os canais pressão, no plano político, para dar tação àquilo que podem ser medidas i benefício e do seu interesse."

ltima pesquisa feita a respeito de mo- le social mostra que no Brasil ela ua muito forte. Uma das mais fortes. essor José Pastore fez uma pesquisa e sobre isso, usando alguns dados do Comparando-se com outros momen- História do Brasil, vê-se que a mo- le social ascendente continua forte. E também uma mobilidade descenden- queles que perdem prestígio. Mas o se verifica aqueles que são benefi- por este novo dinamismo, vê-se que uito numerosos. Isto não quer dizer ariamente que, do ponto de vista da ou da posição na escala da socieda- novos segmentos estejam necessa- te contentes. Podem não estar. De- de conjuntura, depende de existir re- ou não, de haver uma perspectiva ior progresso ou não. São fatores de natureza que os levam a uma percep- e estar de bem ou de mal com a vida,

com o Governo, com os vizinhos, com a família etc. Portanto, quando falei dessa nova classe média — das novas, porque não é uma, são muitos tipos diferentes, muito segmentados — não estava me referindo a um rebaixamento da situação de classes. Algumas, sim, perderam, como já disse aqui. Sobretudo as burocratizadas, as ligadas às profissões do Estado, que são as classes médias tradicionais. Mesmo estas mudaram. Com o Fundef, escolas públicas do interior do Nordeste deram um prestígio novo às professoras, que passaram a ganhar melhor, têm mais consideração social. Também classes médias profissionais, de médicos ou engenheiros, que não se engataram nas novas modalidades de desenvolvimento de presença econômica também podem ter perdido. Outros ganham."

INTERNET E COMPUTADOR NAS ESCOLAS

"Tenho me referido à Internet II. Por quê? Porque, pelo rumo do desenvolvimento da sociedade, que é de base tecnológica, não há dúvida que, no futuro, para ter empregos melhores, vai ser preciso ter melhor educação e domínio das técnicas mais modernas. Quem não for capaz de usar o computador vai ser um analfabeto tecnológico. Quem não estiver inscrito na Internet terá limitações de informações. Isto não é um absoluto, obviamente. Não estou dizendo que só alguém ligado a essa nova linguagem será capaz de se sobressair, de ter presença. Mas é indiscutível que a Internet pode produzir esse tipo de exclusão, ou seja, os que estão dentro e os que estão fora do novo sistema. A que isso nos levaria? Embora isso seja um risco, a resposta ao risco não pode ser fugir dos computadores. Ao contrário, será democratizá-la. Será fazer o que estamos tentando fazer: fazer com que as crianças das escolas públicas tenham aulas de computação, que tenham acesso a esta nova linguagem. Não adianta fazer como avestruz, enfiar a cabeça na areia e fugir."

• MAIS SOBRE A INTERNET 2 no GLOBO ON em www.oglobo.com.br/politica/internet2.htm

RECESSÃO

• Em 98, em consequência da crise internacional, nossa economia teve seu pior desempenho desde 92, quando o Produto Interno Bruto recuou 0,54%. Em 98, houve crescimento de 0,12%, segundo o IBGE. A taxa sequer foi suficiente para aumentar a renda per capita, porque a população cresce em média 1,4% ao ano. A crise, que começou em 97 na Ásia, passou pela Rússia em 98 e alcançou o Brasil em janeiro, com a desvalorização do real. Os números do primeiro trimestre mostraram retração de 0,99%.



INTERNET II

• Não é uma nova rede específica. É a otimização e possível ampliação física das redes de transmissão de dados já existentes. A iniciativa partiu de um consórcio de universidades americanas, para aumentar de forma expressiva a velocidade de transmissão.